

Os (des)territórios das relações afetivas em *O corpo* de Clarice Lispector

The (dis) territories of affective relationships in Clarice Lispector's tale *O corpo*

Izaías Serafim de Lima Neto¹

Resumo

O estudo se debruça sobre o conto O corpo da autora brasileira Clarice Lispector, para analisar as linhas de fuga das relações afetivas e sexuais no texto. Tomamos o conto clariceano a partir da visada filosófica de três pensadores franceses da modernidade, constitutivos da teorização sobre corpo, subjetividade e literatura: Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault. Assim, constitui-se uma pesquisa bibliográfica, de organização descritiva e interpretativa, essencialmente qualitativa, cuja base filosófica de sua construção se dá nos conceitos de desterritorialização, corpo e subjetividades. Através das percepções sobre o conto, flagram-se fugas das afetividades e das sexualidades através das personagens Carmem e Beatriz, as quais se utilizam da amizade e do poder de matar, para escapulirem ao domínio e a empreitada subordinativa do sujeito masculino Xavier.

Palavras-chave: *Corpo. Clarice Lispector. Fuga. Desterritorialização*

Abstract

The study focuses on the Brazilian author Clarice's Lispector tale "O corpo" to analyze the scape lines from affective and sexual relationships in the text. We took the Clarician text from the philosophical point of view of three French thinkers of modernity, constituting the theorizing about body, subjectivity and literature: Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault. Thus, it constitutes a bibliographic research, of descriptive and interpretative organization, essentially qualitative, whose philosophical basis of its construction occurs in the concepts of deterritorialization, body and subjectivities. Through the perceptions about the tale, escapes of affection and sexuality are sparked by the characters Carmen and Beatriz, who use friendship and the power to kill, to escape the domain and the subordinate endeavor of the male subject Xavier.

Keywords: *Body. Clarice Lispector. Escape. Desterritorialization*

Recebido em: 23/07/2020.

Aceito em: 16/10/2020.

¹ Graduado em Letras - Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Mestre e Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no Campus Avançado de Pau dos Ferros/RN (CAPF); Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT-PB).

Introdução

O presente estudo objetiva analisar as marcas de desterritorialização das relações afetivas e sexuais no conto “*O corpo*”, da escritora Clarice Lispector. Para tanto, buscaremos articular as noções de Gilles Deleuze & Félix Guattari sobre territorialização, desterritorialização e reterritorialização com as elucubrações acerca da sexualidade e do matrimônio tecidas por Michel Foucault.

Guiamo-nos, dessa maneira, pelo seguinte questionamento: Quais linhas de fuga (ou desterritorialização) das relações afetivas e sexuais são perceptíveis na tessitura do conto “*O corpo*” de Clarice Lispector? Nessa ótica, nosso estudo se classifica como bibliográfico, de perspectiva analítica, com abordagem qualitativa, a partir do método de análise arqueogenalógico do discurso, segundo a esteira de estudos foucaultianos.

Nossa pesquisa se justifica a partir da necessidade de pensar o objeto literário como discurso que, para além da fruição, permite-nos flagrar os regimes de verdade que constituem determinados objetos, tais como o amor, o sexo, a sexualidade e o assassinato. É nesse sentido que pensamos o texto clariceano como recorte privilegiado para apreciar a constituição discursiva da poligamia, especialmente por meio do conto “*O corpo*”, contido no livro *A Via Crucis do Corpo* (LISPECTOR, 1998).

De acordo com Diniz (1998), a obra de Clarice Lispector nos permite aproximações com o projeto filosófico dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, tomando como argumento a *literatura menor*, pensada por eles no sentido de uma literatura em cuja constituição o autor exaspere as normas, venha a falseá-las, *fuja* das amarras estruturais que os gêneros literários propõem, e, assim, produza linhas de desterritorialização pelo gaguejo² da língua materna.

Consideramos, ainda, a aproximação dos estudos de Michel Foucault e a obra clariceana, especialmente a partir da tomada do objeto corpo e a tematização das sexualidades nos seus textos, em caráter especial n’*A via crucis*. Esse livro, composto de quatorze textos, tece linhas fugidias sobre o funcionamento dos desejos, das lógicas corpóreo-sexuais, dos fetiches, das experiências do sexo de acordo com gênero, idade, classe social. Tal empreitada sobre a produção de novos modos de vida, novas artes de viver, está presente na constituição do arcabouço foucaultiano e na literatura de Clarice.

Essa apreciação, da qual temos tratado, em nosso caso, dar-se-á a partir da ótica filosófica dos franceses Deleuze & Guattari (1977) e Foucault (2015a). Desses escritores, moveremos conceitos tais como dispositivo da sexualidade, regimes de verdade, corpo-sexual, verdade e subjetividade – arsenal conceitual foucaultiano –, bem como linhas de fuga, território, desterritorialização e reterritorialização – do escopo deleuze-guattariano.

² Em sua obra *Crítica e clínica*, Deleuze (1997) conjectura que gaguejar a língua é a tomada potente do escritor desse material infinitamente possível que é a linguagem. Em sua tomada de potência, a infinidade da língua é crivada e, enquanto um devir constante, materializa as potências por meio da transmutação dos sentidos, do exacerbamento das possibilidades de entender, da compreensão e através da fuga da interpretação. É nesse sentido a escritura como potência do pensamento. Gaguejar a língua é notadamente permitir a vida da língua, na contravenção das normas, na produção de novas e vibrantes possibilidades de existência dos sentidos e dos significados.

O corpo é um território: as fugas de Xavier, Carmem e Beatriz

Em sua obra *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault (2015a) nos apresenta um panorama histórico, situado especialmente na ascensão dos estados modernos, em meados do Século XVIII, com a paulatina queda dos estados monárquicos na Europa. O filósofo constrói, assim, um quadro que esboça o funcionamento do que nomeia como *dispositivo da sexualidade*. Tal noção norteia suas posteriores considerações sobre o sexo, corpo e subjetividade.

Por dispositivo, Foucault (2015a) nos orienta a percebê-lo como um conjunto polimorfo e disperso de enunciados, instituições, relações de força e subjetividades possíveis na constituição de um objeto de discurso, tal como é a sexualidade. Deleuze (1996) corrobora essa noção, acrescentando as particularidades do dispositivo: condições de possibilidade de visibilidades, enunciabilidades, fuga, subjetivação e objetivação.

Argumentamos, pois, que o texto clariceano do conto “*O corpo*” faz parte das possibilidades de fazer ver, deixar enunciar, objetivar e permitir possibilidades de fuga do território fixado das relações afetivas. Dentro do dispositivo, o texto literário pode ser apreciado segundo as condições de possibilidade de emergência dos discursos. Ao termos isso em mente, flagra-se o momento histórico em que a obra *A via crucis do corpo* foi escrita: meados dos anos 1980, estopim de revoltas políticas e momento de contestação das práticas históricas que clivavam os corpos e suas sexualidades.

Nesse instante de contestação, linhas de luz (ou visibilidades) permitem a emergência da temática da poligamia na obra de Clarice Lispector. O conto narra a seguinte situação: um homem, Xavier, mantém relação afetivo-sexual com duas mulheres, Carmem e Beatriz, em comum acordo entre as partes. Poderíamos dizer que, na verdade, eram duas mulheres que mantinham relação afetivo-sexual com um único homem, mas a lógica da poligamia (especialmente no funcionamento social regido pelo patriarcado brasileiro) não admite a lógica *duas para um*, mas sim *um para duas*, relação essa tão machista quanto misógina, dado o fato de as mulheres serem tomadas como objeto-possuído pelo homem, regente da relação.

A narrativa demonstra os modos de ser dos três personagens: Xavier, empresário do ramo farmacêutico, 47 anos, é descrito como provedor financeiro da casa e por essa razão seus desejos (alimentares, sexuais, afetivos) são realizados pelas *suas mulheres*.³ Os afazeres domésticos são responsabilidades das duas, bem como a posição maternal sobre Xavier, de modo que o cuidam e mimam com persistência. Carmem, 39 anos, é caracterizada como uma mulher alta e magra, já Beatriz, 50 anos, gorda e baixa. Há entre elas companheirismo e amizade constantes.

Para pensarmos a constituição do sujeito Xavier, tomemos o seguinte excerto do conto: “Xavier era um homem truculento e sangüíneo. Muito forte esse homem. Adorava tangos. Foi ver O último tango em Paris e excitou-se terrivelmente. Não compreendeu o filme: achava que se tratava de filme de sexo” (LISPECTOR, 1998, p. 20). A narrativa descreve o personagem masculino do triângulo afetivo-sexual como representativo da

³ Entendemos a relação de posse que estabelecemos aqui, no entanto, explicamo-la a partir da tessitura do conto: Xavier é tematizado como norte da existência das duas mulheres de modo que suas rotinas, cotidianos, pensamentos, voltam-se sempre para a existência dele. Há, nessa ótica, uma relação subordinativa que as põe em certa medida na posição objetivada de posse. Todavia, há nuances que constituem resistências a essa relação, as quais emergem de acordo com o desenrolar do enredo.

regularidade patriarcal: personalidade autoritária (sanguínea) e violenta (truculenta), cujo funcionamento se impregna de uma erotização copiosa do cotidiano (excitar-se com um filme de temática filosófica).

A existência das duas mulheres do enredo central é um espiral em torno da vida do sujeito masculino, marca flagrante do machismo que constitui as relações sociais no Ocidente desde a Grécia Antiga. No entanto, a narrativa demonstra um ponto de fuga da relação tripla: uma quarta personagem, a prostituta, que se insere como reviravolta na relação poligâmica estável instaurada entre Xavier, Beatriz e Carmem.

Por causa desta reviravolta, a relação se desestabiliza e Xavier é deixado de lado em determinados momentos. A insistência em manter uma terceira companheira sexual faz com que Xavier seja vítima de um crime de homicídio e ocultação de cadáver. Carmem e Beatriz assassinam o companheiro e enterram seu corpo no jardim. A trama nos traz algumas temáticas interessantes de abordar, as quais consideramos flagrantes linhas de territorialização e desterritorialização, que serão organizadas em pequenos tópicos a partir de agora.

A relação de posse do masculino sobre o feminino

Uma das principais marcas do que entendemos como território, a partir da perspectiva deleuze-guattariana, na tessitura do conto, refere-se à relação de domínio ou subordinação dos sujeitos femininos diante do sujeito masculino. Nomeamos tal condição de território-posse, pois as mulheres funcionam dentro da ótica das propriedades de Xavier, tendo-as a seu bel-prazer. Foucault (2015b) nos apresenta, em sua retomada à cultura grega, a noção de *econômica*, ou, política de governo das propriedades que o homem livre da Grécia Antiga tinha de desenvolver sobre suas posses, inclusive aí terras, latifúndios, escravos e, de modo especial, sua esposa. As práticas de política econômica funcionavam da seguinte maneira: o homem livre geria e aconselhava sua esposa, que, por sua vez, era o reflexo das boas práticas políticas de seu marido. Caso a mulher não executasse *seu papel* submisso, a culpa estava no homem que não sabia gerir bem suas posses.

Entendemos, assim, que emerge nesse tempo as bases para esse território-posse que captura os sujeitos homem e mulheres numa relação de subordinação. Entendemos, pois, que este território se expressa flagrantemente no conto clariceano nos seguintes excertos:

Na verdade não precisava de nada, era uma pobre desgraçada. Mantinha um diário: anotava nas páginas do grosso caderno encadernado de vermelho *as datas em que Xavier a procurava*. Dava o diário a Beatriz para ler (LISPECTOR, 1998, p. 22) (grifos nossos).

Às três horas da manhã Xavier teve vontade de ter mulher. Chamou Beatriz porque ela era menos rancorosa. *Beatriz, mole e cansada, prestou-se aos desejos do homem que parecia um super-homem* (LISPECTOR, 1998, p. 23, grifos nossos).

Podemos perceber, em certa medida, uma relação de subordinação sexual tomando como referência o diário de Beatriz, no qual a mulher anotava as noites em que era procurada, bem como o fato da mesma ceder ao desejo sexual de Xavier, mesmo após saber da traição: argumentamos em torno desse fato para considerarmos aí a presença de

uma experiência sexual feminina legitimada ou deslegitimada segundo a vontade sexual do homem, que é o que procura o sexo, nunca o procurado; que é o que demanda que seus desejos sejam cumpridos e não o que cumpre desejos.

Em outro momento da narrativa, Beatriz e Carmem mantêm relações sexuais, o que, sabido por Xavier, torna-se motivo de fetiche para o dominador da relação. Ao exigir ser *voyeur* da relação, percebemos como o olhar masculino sobre o sexo entre mulheres é feticheoso, regulamentador, tomando para si até a experiência que exclui a presença do homem, do macho. Quando as mulheres não conseguem manter relações em sua frente, Xavier se ira e demonstra o poder patriarcal, esse território-posse, sendo quebrado, desautorizado. Vejamos:

Às vezes as duas se deitavam na cama. Longo era o dia. E, apesar de não serem homossexuais, se excitavam uma à outra e faziam amor. Amor triste. Um dia contaram esse fato a Xavier. Xavier vibrou. E quis que nessa noite as duas se amassem na frente dele. *Mas, assim encomendado, terminou tudo em nada. As duas choraram e Xavier encolerizou-se danadamente. Durante três dias ele não disse nenhuma palavra às duas* (LISPECTOR, 1998, p. 22, grifos nossos).

A amizade sexual feminina

Outro ponto flagrante na narrativa se dá pela quebra ou fuga do território das sexualidades e dos desejos entre as mulheres. Na narrativa, ao manterem relações sexuais, ainda que não sendo homossexuais, Carmem e Beatriz estremecem as estruturas da geografia que regimenta a noção de sexualidade do Ocidente. Foucault (2015a) expõe que na Grécia Antiga homens livres se relacionavam sexualmente com efebos (jovens aprendizes), como forma de transmitir status e sabedoria. As práticas sexuais entre homens não eram nomeadas como homossexualidade – noção da modernidade clínica -, mas eram tratadas como relações de amizade, companheirismo e, em certa medida, imprescindíveis à manutenção da ordem social.

Carmem e Beatriz provocam uma desterritorialização⁴ do campo das relações sexuais no sentido de que não é necessário para as duas uma identificação com determinada ordem do saber sobre o sexo e o desejo – as ideias de heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade, etc. – para que se realize o ato sexual de modo satisfatório. Além de fugirem do olhar feticheoso do sujeito masculino, as duas personagens sentem prazer entre si sem a necessidade de uma identificação sexual ou sem que nisso haja um compromisso corpo-sexo: apenas desejo e momento, num devir-animal em torno do corpo alheio, sem uma lógica a ser obedecida na ordem social. Percebemos essa fuga no seguinte excerto: “Mas, nesse intervalo, e sem encomenda, as duas foram para a cama e com sucesso” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

⁴ Tomamos aqui a desterritorialização como fuga, como prática fugidia dos sentidos e da linguagem. As linhas de fuga aparecem na constituição do dispositivo segundo compreende Deleuze, tomando as possibilidades de desalinhar a corpulência das normas vigentes, constituídas nas relações da história com os sujeitos. Desterritorializar é, essencialmente, produzir potências em espaços estanques. É incendiar os sentidos, tomar de assalto os corpos produzidos, os sujeitos constituídos, e lançá-los em devires de fora, constantes, deslocar a norma, as vigências, produzindo potências.

O assassinato como fuga

O conto nos traz um desfecho fugidio, impregnado de relações de força que incidem sobre os corpos: o homicídio como prática de liberdade. Carmem e Beatriz, diante das traições de Xavier, decidem-se por matá-lo. E, ao fazê-lo, enterram o corpo em seu jardim. Percebemos como a morte, nesse caso, funciona como tecnologia de liberdade, como meio de desterritorializar o afeto e o sexo, isto é, entende-se uma relação amorosa, no pensamento cristão, como uma troca protetiva entre os sujeitos, uma subjetividade de seguranças possíveis emerge. No entanto, as personagens descaracterizam esse território, tomando-o de assalto e rompendo-o, através do assassinato de Xavier enquanto dormia. Vejamos o seguinte excerto:

Foram armadas. O quarto estava escuro. Elas faquejaram erradamente, apunhalando o cobertor. Era noite fria. Então conseguiram distinguir o corpo adormecido de Xavier. O rico sangue de Xavier escorria pela cama, pelo chão, um desperdício. Carmem e Beatriz sentaram-se junto à mesa da sala de jantar, sob a luz amarela da lâmpada nua, estavam exaustas. Matar requer força. Força humana. Força divina. As duas estavam suadas, mudas, abatidas. Se tivessem podido, não teriam matado o seu grande amor (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Diante do saber da morte inevitável, as personagens tomam para si essa possibilidade de poder que é o de *deixar viver*, segundo nos fala Foucault (2015a). Ao decidirem sobre a morte de Xavier, as duas mulheres reorganizam sobre si mesmas uma possibilidade dicotômica de existência: a morte de seu amado eliminara as traições, é sinal de amizade entre as duas, no entanto as torna solitárias e criminosas. O crime, neste caso, é uma desordenação da lógica vigente em sociedade, tomando como anormal o sujeito que atenta contra a vida do outro. A preservação de outrem, mesmo frente à possibilidade de causar-lhe a morte, é uma tecnologia biopolítica, segundo Foucault (2015a) esclarece.

O sumiço de Xavier causou estranhamento em seu secretário e esse fato produz uma sequência fugidia dentro do enredo: ao serem questionadas sobre onde estava o amado, Carmem e Beatriz revelam que ele está no jardim, enterrado. Vejamos o seguinte excerto, no qual há narrativa que finaliza o conto:

Três homens abriram a cova, destroçando o pé de rosas que sofriam à toa a brutalidade humana. E viram Xavier. Estava horrível, deformado, já meio roído, de olhos abertos.
— E agora? disse um dos policiais.
— E agora é prender as duas mulheres.
— Mas, disse Carmem, que seja numa mesma cela.
— Olhe, disse um dos policiais diante do secretário atônito, o melhor é fingir que nada aconteceu senão vai dar muito barulho, muito papel escrito, muita falação.
— Vocês duas, disse o outro policial, arrumem as malas e vão viver em Montevidéu. Não nos dêem maior amolação.
As duas disseram: muito obrigada.
E Xavier não disse nada. Nada havia mesmo a dizer.
(LISPECTOR, 1998, p. 27, grifo nosso).

A brutalidade só é mencionada na narrativa para referir-se ao modo como as roseiras que estavam sobre a cova de Xavier no jardim são arrancadas sem necessidade. A tessitura da narrativa clariceana flagra outro aspecto que nos chama atenção: a infimidade

da vida, a morte do ser humano como mera casualidade, ato corriqueiro. No entanto, a morte da natureza, representada pelas roseiras, através da mão humana é um ato desnecessário. A morte humana um lapso do acaso, a morte da natureza uma atrocidade brutal.

Outra linha de fuga que nos chama atenção é o modo como o policial trata o caso: despacha as mulheres para outro país, não as prende, usa como argumento o fato de evitar mais complicações com o caso. Todos aceitam sem argumentar. Há, assim, uma quebra da lógica da justiça vigente, desse escopo de protetividade sobre o corpo: a morte é uma complicação, os vivos devem continuar as suas vividades. Diante dessa cena, Xavier não disse nada. O corpo morto, alegoricamente masculino, machista, traidor, dominador, subordinador, rico e heterossexual, feticheoso, é silenciado, enterrado, apático diante da situação. Funciona, assim, a prática de fuga nesse conto: o corpo é um território de batalhas, bem como a morte, o afeto, o sexo, a amizade, a justiça e a lógica são falseadas, tomadas de supetão e desfeitas em suas bases.

Considerações finais

O estudo tomou como norte teórico a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao passo que buscou suporte também na arqueogenealogia de Michel Foucault. Diante desse corpo teórico, apreciou o objeto literário da contística de Clarice Lispector, a saber, *O corpo*, texto contido na coletânea *A via crucis do corpo* (LISPECTOR, 1998). Pautamo-nos em averiguar quais linhas de fuga, ou desterritorialização, são perceptíveis no texto.

Diante de nossas incursões, pudemos observar como os afetos, as relações sexuais, a morte, o domínio do masculino sobre o feminino, bem como a justiça e certas lógicas de saber sexual são postas em funcionamento dentro da tessitura literária do conto, de modo que são postos pontos de ruptura e práticas de desterritorialização sobre as afetividades, sobre o corpo e especialmente sobre as sexualidades.

O conto nos permite flagrar uma empreitada de fugas da escritora Clarice Lispector, de modo a nos fazer perceber como o tempo histórico de sua produção (o Século XX) permitiu emergir, na sua escrita, temáticas que falseavam a ordem vigente da sociedade, bem como interrogar as práticas lógicas dessa mesma sociedade.

Em *O corpo* é possível averiguar como as práticas sexuais, os regimes de domínio machista, o poder sobre os corpos e sobre as afetividades funcionam e são desarticuladas, produzindo um texto que *gagueja* a própria língua portuguesa e seus sentidos lógico-formais, atraindo possibilidades de fuga e desterritorialização diversas.

Referências

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DINIZ, N. F. **A arte da fuga em Clarice Lispector**: aproximações entre a escritura clariceana e a filosofia de Deleuze e Guattari. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 1998. 127p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.